

A TRADUÇÃO DE TEXTOS SAGRADOS EM LIBRAS: OS DEZ MANDAMENTOS ATRAVESSADOS POR DIFERENTES VOZES DISCURSIVAS

THE TRANSLATION OF SACRED TEXTS TO SIGN LANGUAGE: THE TEN COMMANDMENTS PERMEATED BY DIFFERENT DISCURSIVE VOICES



Arlene Batista SILVAⁱ
Universidade Federal do Espírito Santo

Eliana Firmino Burgarelli RIBEIROⁱⁱ
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Este estudo visa a investigar a tradução de textos sagrados para Língua Brasileira de Sinais (Libras), tendo em vista a utilização desses materiais na formação de tradutores e intérpretes de Libras dentro e fora das instituições religiosas. Para tanto, valer-se-á das contribuições teóricas de Bakhtin (1992; 2003), Sobral (2008), Gohn (2001) e Jonnings (2003), entre outros, a fim de conhecer os modos como o discurso divino é produzido e os elementos contextuais que interferem na produção desses objetos culturais. No desenvolvimento deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfico-documental, recortando como objeto de análise dois vídeos traduzidos para Libras por duas instituições religiosas distintas, baseados no texto bíblico descrito em Êxodo 20:1-17, que trata dos Dez Mandamentos. Os resultados revelam que a atuação dos tradutores e suas escolhas tradutorias são diretamente influenciadas pelas instituições religiosas e seus discursos, pelos dispositivos de controle e pelos lugares sociais que esses sujeitos ocupam no interior dessas instituições.

Palavras-Chave: Libras. Textos sagrados. Os Dez Mandamentos.

Abstract: This study aims at investigating the translation of sacred texts to the Brazilian Sign Language (Libras) in view of the utilization of these materials in the training of Sign Language translators and interpreters in and out of religious institutions. To that end, we rely on the theoretical contributions of Bakhtin (1992, 2003), Sobral (2008), Gohn (2001), Jonnings (2003), among others in order to know how the divine discourse is produced and the contextual elements which interfere in the production of these cultural objects. In the development of this study, a bibliographical-documental research was carried out, extracting, as the object of analysis, two videos translated to Sign Language by two distinct religious institutions based on the biblical text Exodus 20: 1-17, which talks about The Ten Commandments. The results revealed that the work of translators and their translation choices are directly influenced by the religious institutions and their discourses, by the control devices and the social locations/positions which these subjects occupy inside these institutions.

Keywords: Sign Language. Sacred Texts. The Ten Commandments.

15

RECEBIDO EM: 20 de março de 2018

ACEITO EM: 05 de dezembro de 2018

PUBLICADO EM: janeiro 2019

1. A tradução da Bíblia em Libras

De acordo com Johan Konings (2003), encontramos no Brasil várias traduções da Bíblia em português, com o objetivo de atender públicos com finalidades bastante específicas, além da necessidade de atualizar os textos à linguagem que vai se modificando de tempos em tempos. Dentre as mais conhecidas estão: *Bíblia Sagrada*, versão corrigida e fiel; *Bíblia Sagrada*, edição revista e atualizada no Brasil (ambas traduzidas por João Ferreira de Almeida); *Bíblia Sagrada*, tradução da Vulgata por Figueiredo; Bíblia de Jerusalém, adaptada da tradução francesa (ed. de 1973); *Bíblia Sagrada*, tradução brasileira diretamente dos textos originais (traduzida por católicos); *A Bíblia na Linguagem de Hoje*, com linguagem popular, e *Bíblia Mundo Novo*, traduzida pelas Testemunhas de Jeová, entre outras (KONINGS, 2003, p. 2-3).

Somam-se a essas as Bíblias traduzidas para Libras por diferentes instituições religiosas no Brasil, como a Adventista, que tem se dedicado à produção de estudos bíblicos com traduções de capítulos e versículos de determinados livros, seguidos de explicações sistemáticas do conteúdo enfatizando as doutrinas defendidas pela igreja.

16

As Testemunhas de Jeová, além de estudos bíblicos, cânticos, peças teatrais bíblicas, histórias bíblicas dramatizadas, realizaram a tradução da Bíblia para Libras. Ambas as religiões disponibilizam esses materiais na internet para visualização e cópia de arquivos.

Diante de tantas traduções, em português e em Libras, poder-se-ia pensar, em princípio, que tal diversidade poderia ser justificada pelo movimento missionário, pela necessidade de levar a “Palavra de Deus” a todas as pessoas (crianças, jovens, seminaristas, surdos, cegos, etc.) e/ou para promover a cidadania àqueles que historicamente receberam um tratamento desigual na sociedade.

Para além desses discursos benevolentes, Konings (2003) chama a atenção para o fato de que essas traduções estão, inevitavelmente, ligadas ao entendimento teórico-prático dado pela comunidade que o transmitiu, ou seja, “as traduções da Bíblia para a comunidade de fé hoje procuram traduzir esse sentido da comunidade interpretadora de ontem e de sempre, que vive a interpretação em sua práxis” (KONINGS, 2003, p. 223). Nessa linha, somos levados a crer que essas traduções produzem diferentes práticas linguísticas e culturais, compartilhadas no interior dessas comunidades religiosas e que, por meio de seus membros, vão sendo rotinizadas em outros contextos sociais (escola, família, trabalho, etc.) que também influenciam tais membros, fazendo-os levar para o interior das igrejas outros discursos sobre os surdos e a surdez. É o que revela a pesquisa de César Augusto de Assis Silva (2011) acerca da

disseminação dos discursos sobre a surdez numa perspectiva sócio-antropológica, disseminados por diversas igrejas protestantes na década de 80, as quais concebem o surdo não como um deficiente, mas como um sujeito marcado por singularidades linguísticas e culturais. Assis Silva (2011) reforça que essa concepção tem sido a base ideológica de muitos projetos missionários de instituições religiosas, como a Igreja Católica, as Testemunhas de Jeová e outras igrejas protestantes, ancorando-se também nos discursos acadêmico-científicos, por meio de linguistas, psicólogos, fonoaudiólogos e o movimento nacional organizado dos surdos no Brasil, liderado pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS).

O antropólogo explica que as igrejas protestantes, já na década de 80, desenvolviam um trabalho missionário utilizando a Libras, forma de comunicação que lhes parecia a mais adequada para evangelizar os surdos. Devido a isso, houve um forte investimento dessas igrejas na formação de intérpretes que, hoje, atuam tanto na tradução de textos bíblicos em Libras como na produção de discursos sobre os surdos e sobre a surdez em contextos acadêmicos e políticos.

Ao observar o movimento produzido pelas igrejas, cumpre destacar a grande quantidade de textos bíblicos em Libras que circula dentro e fora do âmbito religioso, pois muitos intérpretes iniciantes, que ainda não têm contato com a comunidade surda, apropriam-se desses materiais para ler, praticar a tradução e ampliar vocabulário, aprimorando, desse modo, a formação. Já os surdos recebem esses textos para leitura, para conhecimento da Bíblia e das doutrinas das igrejas que os produzem.

17

À luz dessas considerações, ressaltamos a importância que as traduções de textos sagrados em Libras têm na formação de surdos e de intérpretes, uma vez que as escolhas tradutorias são carregadas de valores ideológicos, éticos e morais da instituição que financia a produção, circulação e divulgação dessas obras. São, portanto, documentos históricos, produtos de relações socioculturais situadas no universo religioso (e também fora dele), por seu conteúdo, sua abrangência e pelas apropriações que deles se têm feito. Dessa forma, não podem ser desconsiderados, ao pensarmos os Estudos da Tradução em Libras na contemporaneidade.

Acreditamos, portanto, que as traduções produzidas no interior dessas agências religiosas cumpriram (e ainda cumprem) papel fundamental na formação desses sujeitos, uma vez que são tomadas como objeto de estudo e incorporação de práticas discursivas, não raro sem reflexão dos conteúdos ideológicos que estão sendo apropriados e repassados a outras pessoas. A partir dessas considerações, surgem as seguintes problematizações: Como vêm

sendo traduzidos os textos bíblicos em Libras por diferentes instituições? Que efeitos de sentidos são dados a ver na mensagem divina recriada pelos tradutores?

Assim, este estudo pretende conhecer, descrever e analisar a tradução em Libras de textos bíblicos. Tomamos como *corpus* textual dois materiais produzidos em Libras pelos adventistas do Sétimo Dia e pelas Testemunhas de Jeová. Ambas as denominações traduziram o texto de *Êxodo 20:1-17* em DVD, o qual se encontra também disponível na internet em suas variadas redes. Esse texto é conhecido na religião judaico-cristã como os Dez Mandamentos da Lei de Deus. A análise da pesquisa visa a conhecer, portanto, as práticas discursivas e culturais materializadas nessas produções.

Na pesquisa em questão, lançaremos mão dos pressupostos teóricos de Bakhtin (2003) e Sobral (2008), entre outros, que contribuirão com a discussão sobre a tradução como atividade de transformação e ressignificação dos sentidos, em oposição à ideia de transmissão fiel do conteúdo ou da forma de um texto fonte para um texto alvo. Isso porque entendemos a tradução como uma ação humana que envolve um diálogo com diferentes vozes em situações concretas de enunciação.

18 2. Textos sagrados: a tradução constituída por diversas vozes

De acordo com Gohn (2001), a tradução de textos sagrados adquire um caráter “sensível” devido às objeções provocadas não pelo texto em si, mas pelas interpretações que as comunidades religiosas fazem dessas traduções. Isso porque

há um grande envolvimento emocional por parte dos usuários e suas reações extremadas dos ouvintes/leitores e têm acontecido na história da tradução, se pensarmos, por exemplo, nos tradutores que perderam a vida por terem vertido dessa ou daquela forma o texto sagrado (GOHN, 2001, p.149).

Assim, os leitores que se apropriam desses textos os reconhecem como um manual orientador de sua *práxis*, pois eles conservam os princípios transmitidos pela comunidade de fé das quais participam e com os quais comungam. A Bíblia, portanto, torna-se referência para a produção de estudos coletivos (como nas escolas dominicais e sabatinas), a prática de leitura canônica diária e a leitura e interpretação de versículos por líderes religiosos nos cultos de adoração a Deus.

Para os leitores das comunidades de fé, a Bíblia é um texto sagrado, pois foi inspirada por Deus: ele é o autor. Contudo, Neves e Lopes (2016, p. 209) nos advertem para o fato de que a palavra divina “só chega, pois, ao homem, desprotegida da garantia que a ‘inspiração’ de Deus

conferia aos apóstolos e aos profetas”. Nesse sentido, se a Bíblia foi escrita por Paulo, João, considerados homens movidos pelo Espírito Santo, não se pode garantir que sua tradução e divulgação tenham sido obras de homens santificados: “alguns são iluminados por Deus, outros nem tanto, contudo, são todos já falíveis” (NEVES; LOPES, 2016, p. 210).

Nesse contexto, um dos dados que influenciam na adesão ou rejeição de certas traduções bíblicas, especialmente em Libras, está ligado às práticas culturais instituídas pelas igrejas que atuam na produção, circulação e divulgação desses materiais, determinando modos considerados “adequados” de se traduzir a Bíblia para a comunidade surda. Enquanto uma igreja investe numa tradução com uso excessivo de sinais, acreditando ser fiel ao texto em português, mesmo sob o risco de lançar mão do português sinalizado, outra investe na criação de sinais bíblicos, aproximando a cultura estrangeira à cultura surda. Além disso, há aqueles que investem na expressão corporal e facial, na intenção de transmitir maior emoção e impactar o leitor.

Baseados nos conceitos de Bakhtin (2003) e seu círculo sobre *enunciado concreto, enunciação e gêneros discursivos*, defendemos que os diferentes modos de tradução são enunciados concretos que se constituem a partir do conteúdo verbal em conexão com o contexto extraverbal que integra a situação comunicativa, inserida num contexto histórico maior que envolve outros enunciados, discursos e sujeitos.

Nesse sentido, os enunciados produzidos pelo tradutor estão inevitavelmente marcados pela avaliação que este faz da situação comunicativa e do caráter social, histórico e cultural dos sujeitos envolvidos. Concordamos com Adail Sobral (2008), quando afirma que o tradutor é um leitor/autor, pois despende tempo e energia para compreender um texto e, ao mesmo tempo, busca estratégias para produzir um mesmo/novo texto em outra língua:

Porque todo ato de tradução envolve uma atividade de leitura de um texto numa dada língua que difere da leitura em geral porque é feita do ponto de vista de um profissional que, em vez de apenas entender o que lê ou responder/reagir ao que lê, deve enunciá-lo para outros interlocutores, tem de reconstituir/reconstruir/restituir o que lê em outra língua, e que, portanto, tem de penetrar em dois universos de discurso e colocá-los numa relação de interlocução, constituindo-se num mediador entre o autor do texto, que se dirige a um dado público que conhece, e o público do texto traduzido, ao qual o autor não pode dirigir-se diretamente (SOBRAL, 2008, p.7).

Bakhtin (2003) afirma que os gêneros - *formas comunicativas que se realizam pelo discurso* - são maleáveis e dão origem a uma multiplicidade de outros gêneros, devido à sua maleabilidade para atender a condições específicas de interação. Nesse sentido, acreditamos

que a tradução dos Dez Mandamentos em Libras pode ser definida como uma transmutação do gênero escrito (texto bíblico) para um gênero sinalizado (em Libras), marcado ideologicamente por finalidades específicas de cada instituição que a produz. Portanto, essa tradução/recriação sofrerá alterações no estilo de linguagem, na seleção dos recursos lexicais e na construção composicional determinada pela situação de interação, sua historicidade e eventicidade¹.

À luz dessas considerações, entendemos que ambas as instituições religiosas que participam desta pesquisa (adventistas e Testemunhas de Jeová) possuem suas crenças e ideologias que interferirão direta ou indiretamente o processo de produção desses materiais. Portanto, os sinais, o tipo de tradução, os recursos visuais, manuais e não-materiais utilizados pelo tradutor serão, em alguma medida, influenciados por essas instituições.

3. Os Dez Mandamentos

Segundo João Coimbra Filho e Deise Peres Coimbra - (2009), o texto de *Êxodo* capítulo 20, também conhecido como o Decálogo, Conjunto de Leis ou “Dez Mandamentos”, é de grande relevância para a comunidade judaico-cristã. Nesta pesquisa, os Dez Mandamentos serão estudados numa perspectiva linguístico-discursiva, pois os concebemos como parte de um “produto” ideológico que conserva um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano (BAKHTIN, 1992, p. 119).

Conforme narrado na Bíblia, os “Dez Mandamentos”, que balizam a Lei Mosaica, foram dados ao profeta Moisés, no monte Sinai, diretamente por Deus, e foram escritos pelos dedos de Deus em duas tábuas de pedra (BÍBLIA, *Êxodo* 24.12; 32.16*[200?])².

Nos primeiros versículos, são abordadas regras de conduta do homem para com Deus, proibindo a idolatria. Nesse contexto, Deus se estabelece como único digno de adoração:

Então falou Deus todas estas palavras, dizendo: Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, em nas águas debaixo da terra [...]. Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra [...] (BÍBLIA, *[200?], *ÊXODO*, 20:1-11).

Os versículos 12 a 17 tratam da relação de convivência entre os homens e a sociedade, trazendo à baila os relacionamentos humanos, os quais giram em torno do respeito aos pais, ao próximo, à família, à propriedade alheia, à justiça e ao controle dos desejos:

Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá. Não matarás. Não adulterarás. Não furtarás. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo (BÍBLIA, *[200?], ÉXODO, 20:12-17.).

O livro de Éxodo, no capítulo 20, do versículo 8 a 11, registra que Deus faz uma relação de dez prioridades atemporais, de caráter moral e espiritual, que seus filhos deveriam seguir, demonstrando uma aliança de amor e respeito. Esse trecho bíblico estabelece intertextualidade com o conteúdo de Apocalipse (14: 6, 7 e 12³) e Ezequiel (20:12, 20, 21⁴). No Monte Sinai, os “Dez Mandamentos” consolidaram um padrão de leis morais e jurídicas e a liderança de Moisés, conforme pode ser observado no versículo 12 do capítulo 24 do referido livro: “Então disse o Senhor a Moisés: Sobe a mim ao monte, e fica lá; e dar-te-ei as tábuas de pedra e a lei, e os mandamentos que tenho escrito, para os ensinar” (BÍBLIA, *[200?], ÉXODO, 24:12).

No contexto a que se refere o texto acima, fica claro que o código de aliança foi decretado pelo próprio Deus (autor), dado ao profeta Moisés (interlocutor/mediador) para repassar ao povo (receptor/interlocutor). E, assim, os Dez Mandamentos serviram como base para a fundamentação do monoteísmo na religião judaico-cristã (KEELEY, 2000). Foi instrumento didático, um manual de instrução, na caminhada do povo de Israel rumo à terra da promessa e, ainda hoje, muitas religiões cristãs os tomam como um padrão moral para construir suas doutrinas.

21

De acordo com Sellin–Fohrer (1977), o decálogo adquire um tom imperativo: “faça isso e não aquilo”, determinando normas de comportamento, princípios jurídicos e religiosos a serem obedecidos. Apropriando-se desse conteúdo, muitas igrejas costumam produzir estudos bíblicos, discursos, palestras aos novos adeptos, a fim de transmitir esses valores e regras de conduta. No caso dos surdos, essas regras ao serem traduzidas para sua língua e cultura, contribuem para que esses sujeitos tenham um comportamento ético alinhado aos padrões estabelecidos pelos discursos que circulam nesse lugar.

4. Descrição e análise dos dados

Para esta investigação, adotamos os procedimentos metodológicos referentes à pesquisa bibliográfico-documental, com base em uma abordagem qualitativa de caráter exploratório-descritivo, na busca por respostas a questões particulares dessas produções culturais.

Tendo em vista a natureza das fontes de dados, materiais audiovisuais em Libras, Marcos Napolitano (2010, p. 238) aponta “a necessidade de articular a linguagem técnico

estética das fontes audiovisuais e musicais [...] e as representações da realidade histórica ou social nela contidas, ou seja, seu ‘conteúdo’ narrativo propriamente dito”. Portanto, para o autor, é preciso indagar, num primeiro momento, o objeto sobre elementos linguísticos peculiares a essa língua visual espacial e, num segundo momento, as influências ideológicas e as marcas de influências histórico-culturais.

4.1 Os Dez Mandamentos traduzidos pelos adventistas

Os Dez Mandamentos em Libras traduzidos pelos adventistas não fazem parte de uma tradução sequencial ou sistemática dos livros da Bíblia Sagrada. Trata-se de um recorte, uma literatura missionária baseada no conceito adventista de que a observância desses dez princípios dados a Moisés no monte Sinai, conduz, ainda nos dias atuais, a uma promessa de vida feliz. O material tem como objetivo principal, além da nutrição espiritual, o acesso de seus membros surdos a essa temática. Geralmente, a distribuição é feita de forma gratuita em projetos de evangelização de surdos brasileiros usuários da língua de sinais a qualquer interessado.

22 A produção do vídeo possui um caráter pedagógico, instrutivo. Percebemos elementos de ordem didática, uma interpretação de trechos do texto bíblico, com explicações e contextualizações que são construídas no intuito de esclarecer detalhes do texto religioso. O texto, ao ser traduzido, foi reorganizado. Observamos na primeira cena a criação de uma introdução com subtítulo “Um convite e uma promessa”, detalhado em dez capítulos. Cada capítulo descreve um mandamento. Nesses capítulos, encontram-se subdivisões a explicação do texto. Ao iniciar cada capítulo, o tradutor utiliza uma tradução do texto bíblico referente ao mandamento que será explicado em seguida.

Imagen 01 – Produção dos vídeos dos Dez Mandamentos.



Fonte: https://www.youtube.com/channel/UC-7-ugc_hCMsD37tLLu1WmQ

Gravado em São Paulo, em uma clínica de vida saudável localizada em São Roque, em tom de conversa informal, o vídeo encontra-se disponível na internet, no canal do *Youtube*:

Surdos Adventistas. Também por meio do site www.surdosadventistas.com.br, é possível adquirir gratuitamente a coleção de DVDs, que é distribuída por essa instituição.

O pastor Douglas Silva e sua esposa Karen Sanches, ambos surdos, iniciam uma tradução comentada. O cenário passa ao leitor uma intenção de leveza, assim como o tom da sinalização durante todo o discurso. Os tradutores sinalizam sentados em duas cadeiras, em ângulo que remete à intenção de diálogo. Ao fundo, uma janela rústica, com vidraças transparentes, possibilita visualizar elementos da natureza, como vento balançando as árvores, ramos e raízes penduradas, árvores de diferentes espécies e a luz solar.

Imagen 02 – Apresentação dos tradutores surdos



Fonte: https://www.youtube.com/channel/UC-7-ugc_hCMsD37tLLu1WmQ

23

O vídeo utiliza-se do recurso legenda apenas para a apresentação dos tradutores e para fazer referências ao texto que está sendo sinalizado. Não há qualquer tipo de recurso de áudio. A produção optou por não utilizar recursos imagéticos. Marca de identificação religiosa e critérios éticos que regulamentam as produções em língua de sinais foram considerados, pois a roupa do tradutor não possui estampas ou artefatos que atrapalhem a visualização do leitor. O Pastor utiliza camisa social de cor azul clara e gravata preta, respeitando o padrão ético de sua profissão e o grau de formalidade exigido. Sua esposa, Karen, se apresenta vestindo camisa e saia na cor preta, dentro das regras de modéstia cristã estabelecidas pela instituição que financia essa produção.

Na formalidade da tradução literal dos versículos bíblicos traduzidos, percebemos que o léxico utilizado pelo tradutor é genérico. São sinais comuns a várias comunidades cristãs. Desse modo, surdos com acesso a sinais religiosos conseguirão compreender o sinalizador.

Apresentaremos, a seguir, uma amostra da tradução de dois dos Dez Mandamentos por meio do recurso de decupagem, seguida de glosas da sinalização.

1º MANDAMENTO: “Não terás outros deuses diante de mim” (Êxodo 20:3)

Imagen 03 – 1º Mandamento - descrição



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=b0Rvu8QZIdY>

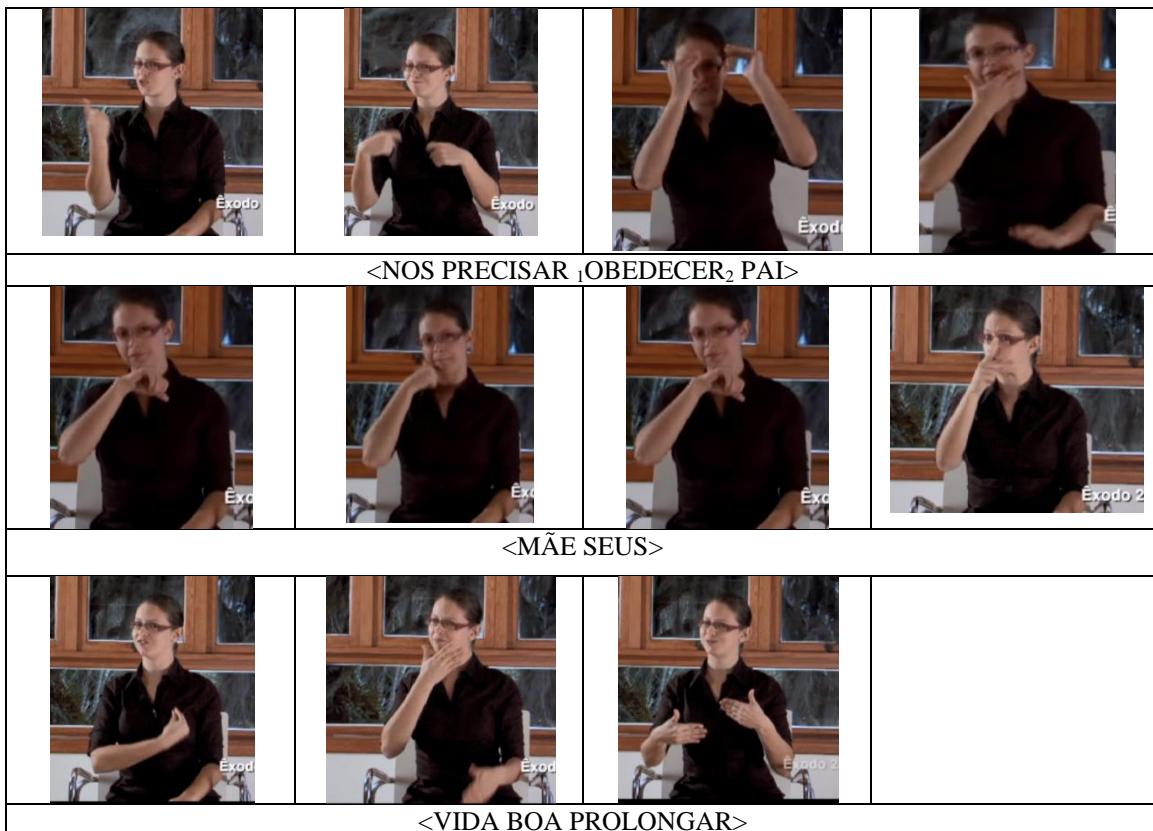
24

É possível perceber que a tradutora utiliza elementos linguísticos próprios da língua de sinais. Num primeiro momento, utiliza a marcação espacial do referente “OUTROS ÍDOLOS” à direita, seguida de uma negação com o verbo “NÃO-TER”, enfatizada pela negação por meio da expressão corporal (afasta o corpo do referente, estica o braço e estende a palma da mão, remetendo ao sentido de “pare”, franze a testa, aperta os olhos e cerra os lábios, seguido do movimento negativo com a cabeça). No segundo momento, constrói a afirmação “ELES SUBSTITUIR DEUS” que é questionada por meio da expressão facial (olhos apertados, testa franzida, boca entreaberta), que sugere a crítica “eles podem ocupar o lugar de Deus?”. Logo, muda-se a expressão facial para a ideia de negação acompanhada do sinal NÃO com a mão direita e a cabeça.

Percebemos que a tradutora lança mão do discurso em terceira pessoa e escolhe um vocabulário simples com sinais do cotidiano para explicar o conteúdo do versículo. Para destacar o sentido negativo que se quer expressar, a tradutora lança mão das expressões faciais junto a determinados sinais, conferindo mais clareza à mensagem que pretende transmitir.

4º MANDAMENTO: “Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá” (Êxodo 20:12)

Imagen 04 – 4º Mandamento - descrição



Fonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=ceBXmr0Mrdk&list=PLtT7fGpNs4L8Ez5BiqNOwqGXY2JEOkBm&index=6>

O trecho traduzido apresenta escolhas bastante singulares em relação ao texto fonte. Inicialmente, redefine o endereçamento do discurso de Deus a outro interlocutor por meio do sinal “NÓS”, enquanto o texto de partida utiliza a expressão “Honra (tu)”, com o verbo na forma imperativa. Com o uso da primeira pessoa do plural, a tradutora se inclui no discurso, criando uma aproximação com o interlocutor e uma certa cumplicidade em relação ao cumprimento do mandamento apresentado.

Indo além, a tradutora utiliza um sinal que pode significar “OBEDECER” ou “RESPEITAR”, dependendo do contexto, da intensidade do movimento, das expressões faciais. Obedecer evoca a ideia de acatar ordens e está ligada a atitudes visíveis. Já honrar/ respeitar extrapola o simples cumprimento de ordens, pois está ligado ao valor, à estima que se tem por determinada pessoa.

Observamos que a tradutora, por suas escolhas linguísticas, pelo modo como enuncia (sinalização suave, sem expressões faciais negativas ou de imposição) ressignifica o texto fonte, conferindo ao discurso divino um tom de orientação, que induz o público leitor a uma forma de agir: “Nós precisamos respeitar nossos pais [...].” Essa construção discursiva costuma receber maior adesão do público, em detrimento de discursos que obrigam, exigem determinações a serem cumpridas.

As omissões aparecem com frequência nessa produção. De acordo com Barbosa (2004), são recursos tradutórios que retiram elementos dispensáveis para a compreensão do sentido ou evitam repetições em excesso e dão fluidez ao texto traduzido. No quarto mandamento, que faz referência a uma benção divina aos que honram pai e mãe, percebemos que a tradutora omite o sujeito provedor da promessa de vida longa na terra. É construída a ideia de que honrar pai e mãe prolongam a vida das pessoas. Desse modo, não há referência a Deus ou direcionamentos que passem a ideia de que a dádiva da longevidade seja dada por um ser divino. A omissão, portanto, pode levar o leitor a entender que ter vida abençoada por muitos anos será uma consequência natural em função da atitude de respeitar os pais.

26

Um aspecto que chama a atenção na tradução dos adventistas é o uso de intensa sinalização. O discurso é marcado pela predominância de sinais em vez de utilizarem descrições imagéticas, as quais representam, por meio de cenas e incorporações, o discurso do texto-fonte. Não há uma incorporação/encenação do personagem “Deus” pelos sinalizadores. Apesar de o discurso estar em primeira pessoa no texto-fonte, indicando Deus como autor das leis, como em “Não terás outros deuses diante de mim” e “Hora teu pai e tua mãe [...]”, os tradutores surdos constroem o discurso em terceira pessoa, fazendo referência a Deus por meio dos sinais “DEUS” ou pelo uso da referenciação por meio do pronome “ELE” (apontamento para o alto e para a direita). Desse modo, acabam por se tornar narradores do discurso de Deus, ou seja, acabam por reconstruir o discurso de Deus com suas próprias palavras, o que, a nosso ver, favorece o uso de acréscimos à tradução em relação ao texto-fonte.

Por fim, consideramos que na tradução dos trechos referentes aos Dez Mandamentos, a escolha do vocabulário (NÓS-PRECISAR), os acréscimos, o uso de terceira pessoa (no primeiro mandamento) e outros recursos produzem um efeito amenizante em relação ao discurso do texto fonte, no qual há marcas de imposição, exigência ao cumprimento das leis com punições a quem descumpri-las. Assim, na tradução dos adventistas, percebemos um texto mais leve, de aconselhamento, que é reforçado, inclusive, pela posição dos tradutores que estão

sentados, e dos textos contextualizadores que sucedem aos excertos bíblicos. Tudo isso pode passar a impressão de que os Dez Mandamentos figuram como sugestões para a vida do cristão.

4.2 Os Dez Mandamentos traduzidos pelas Testesmunhas de Jeová

Os Dez Mandamentos em Libras das Testemunhas de Jeová fazem parte de um projeto de tradução para Libras da Bíblia Sagrada na Tradução do Novo Mundo (revisada em 2015). Ela é feita pelos próprios tradutores da instituição, com a justificativa de que muitas versões bíblicas intencionalmente omitiram o nome de Deus, Jeová, das traduções modernas, embora esse nome seja encontrado em antigos manuscritos das Escrituras.

A produção do vídeo respeita todas as regras da instituição, seguindo todos os protocolos padronizados pela sede norte-americana, desde a cor do fundo até o estilo da roupa dos tradutores bem como a ordem na qual será construído o discurso. Detalhes como o tom e o tipo textual são respeitados. Quaisquer alterações ou adaptações propostas para a aproximação cultural do público surdo brasileiro necessitam ser justificadas, em formulário e enviadas por e-mail à sede mundial para serem aprovadas ou não pela instituição.

A tradução produzida pelas Testemunhas de Jeová toma como texto-fonte uma Bíblia na versão escrita que difere daquela mais comumente utilizada pelas igrejas evangélicas. Os excertos aqui descritos compõem a tradução da Bíblia em Língua Brasileira de Sinais, produzida em material audiovisual. A tradução está organizada por livros, divididos em capítulos e versículos.

27

1º MANDAMENTO: “Não tenha outros deuses além de mim” (Êxodo 20:3).

Imagen 05 – 1º Mandamento - descrição





Fonte: <https://www.jw.org/bzs/publicacoes/biblia/>

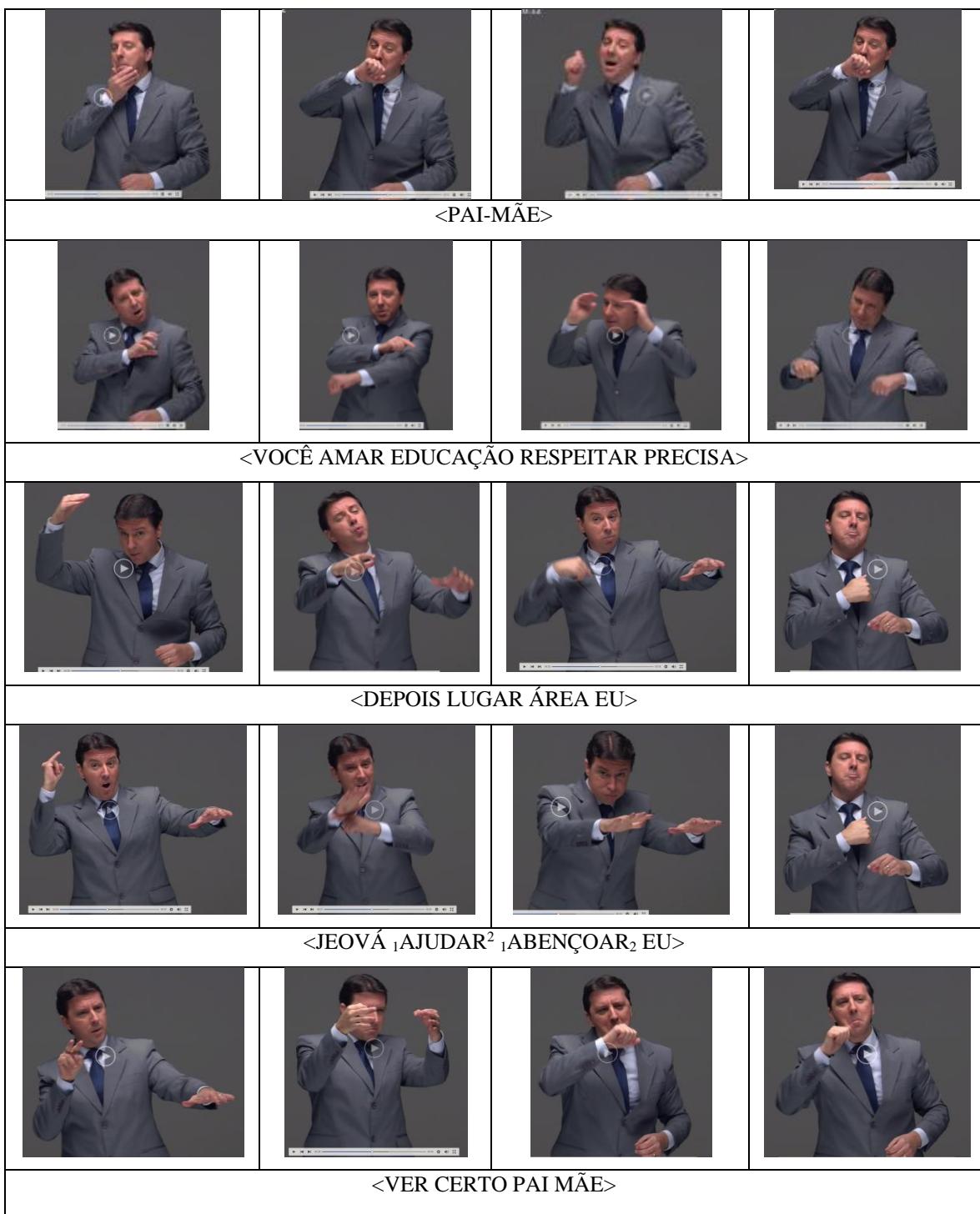
28

O tradutor inicia o enunciado construindo uma cena de adoração àquilo que não é Deus. Ele usa a expressão de “OUTROS-DIVERSOS”, não se restringindo ao sinal “deuses”, dando a ver que a idolatria não está ligada necessariamente a ídolos ou imagens, mas a tudo o que recebe veneração que não é Deus: dinheiro, fama, bens materiais, etc.. Feita a descrição imagética da adoração, ele a rejeita, dizendo “NÃO”. Em seguida, incorpora o discurso de Jeová, em primeira pessoa, determinando que o povo, “VOCÊS”, devem obedecer e estar ligados somente a Jeová.

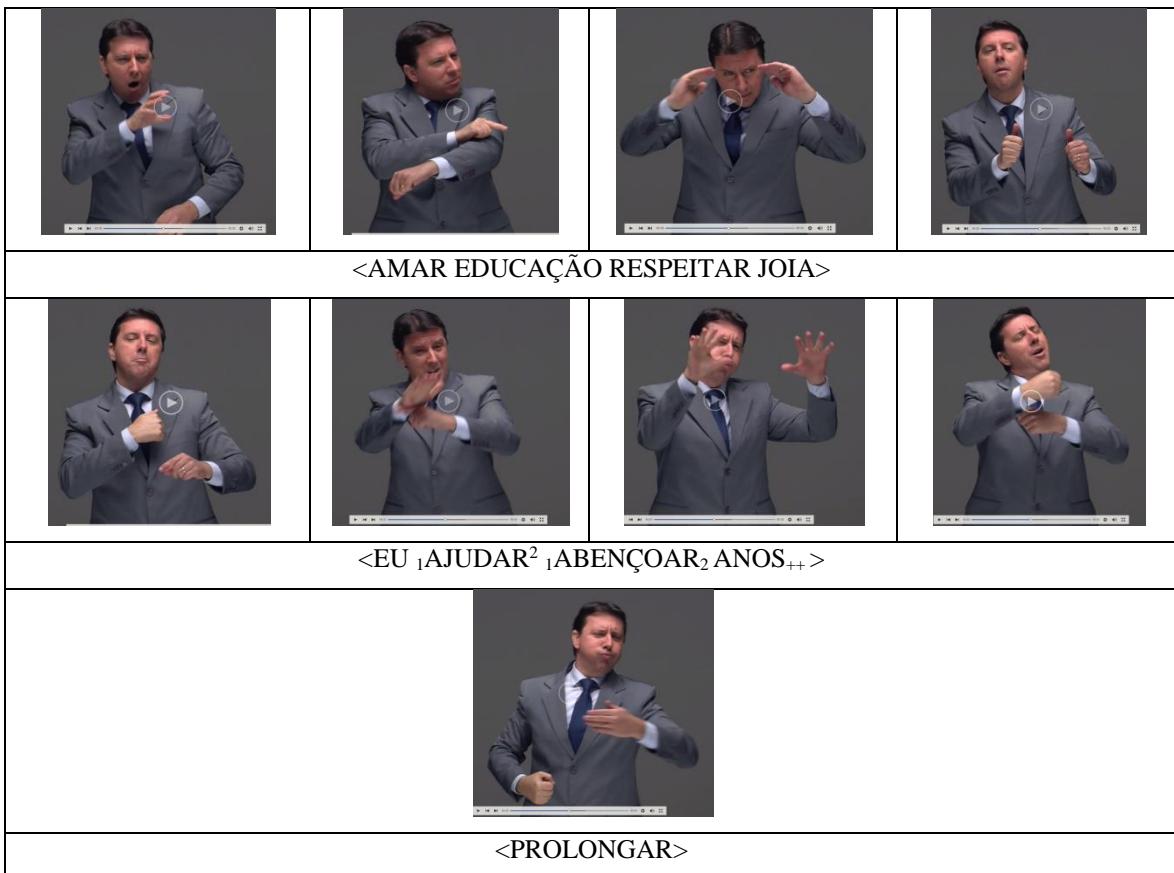
O sinal de “NÃO ou PROIBIDO” é muito usado para enfatizar que Jeová exige o cumprimento dos mandamentos dados ao povo. As expressões faciais e corporais que o tradutor utiliza quando constrói as negativas, aliadas ao sinal de “NÃO”, complementam o sentido de reprovação. Especificamente no 1º Mandamento que reprova o ato de adoração a tudo o que não é Jeová, a forma como o ombro é levantado e inclinado para frente, o franzir da testa e o movimento da sobrancelha se tornam exemplos de recursos que provocam intensidade na negação. Esse recurso aparece em vários outros mandamentos.

4º MANDAMENTO: “Honre seu pai e sua mãe, para que você viva por muito tempo na terra que Jeová, seu Deus, lhe dá” (Êxodo, 20:12).

Imagen 06 – 4º Mandamento – descrição



29



30

Fonte: <https://www.jw.org/bzs/publicacoes/biblia/>.

A tradução do quinto mandamento é realizada em três etapas. Primeiro há uma descrição em detalhes de como deve ser o comportamento dos filhos em relação aos pais: amar, ser educado, respeitar. A ideia de que esse comportamento é uma norma a ser seguida é marcada pelo sinal “PRECISA”, utilizado no final da descrição. Na segunda etapa, o tradutor incorpora o discurso de Jeová, aquele que observa e avalia se os filhos realmente cumpriram o mandamento. Na terceira etapa, Jeová descreve as recompensas que dará a quem cumprir esse mandamento: proteção, ajuda e muitas bênçãos por muitos anos. Observamos, portanto, que a marcação da atitude de Jeová para com os que obedecem está clara na sinalização. Quando o tradutor diz <JEOVÁ 1AJUDAR2 1ABENÇOAR2 EU>, é possível compreender que a vida será prolongada aos que obedecem a Deus e isso seria uma dádiva divina condicionada à obediência.

Podemos notar que não houve uma tradução do tipo palavra-sinal, ou seja, uma prática tradutória que tenta adequar a Libras à estrutura linguística do português. Em vez disso, o tradutor optou por contextualizar o mandamento em etapas, de modo que o leitor surdo compreenda com maior clareza os sentidos do mandamento que envolve os deveres dos filhos.

e suas consequências. Somado a isso, o tradutor evidencia o discurso de Jeová, revelando seu poder e autoridade sobre a vida dos homens. Portanto, identificamos uma expansão de dados presentes no texto-fonte, por meio de cenas imagéticas, que tornam o sentido mais claro, com um efeito mais impactante para o leitor.

Ao observar o modo como se constrói o discurso pelos tradutores Testemunhas de Jeová, cumpre destacar a incorporação do discurso de Jeová em primeira pessoa pelo tradutor, ou seja, ele encena Jeová por meio de um discurso incisivo, declarando as normas de comportamento do indivíduo. Apesar de se tratar de um discurso monofônico, pois somente Jeová é quem fala no texto, o tradutor constrói um outro discurso, com atitudes humanas reprováveis (idolatria, inveja, desobediência), que coexistem no interior do discurso divino, como pode ser mostrado no primeiro mandamento: o tradutor encena uma pessoa adorando a outros deuses, prestando-lhes obediência. Em seguida, ele olha para a câmera, muda a expressão facial, incorpora o discurso de Deus, opondo-se a essa prática e afirma <NÃO>n VOCÊS 3pOBEDECER1 LIGAR EU>.

Em todos os Dez Mandamentos traduzidos pelos Testemunhas de Jeová, há um uso reduzido de sinais. Todas as atitudes humanas que são reprovadas por Jeová são encenadas em detalhes para, em seguida, serem condenadas; algumas delas, inclusive, com indicação de punições. A incorporação do discurso de Jeová pelo tradutor, posicionando-se com veemência contra a idolatria e determinando a conduta dos filhos em relação aos pais, produz efeitos de sentido que remetem a um discurso autoritário, com normas rígidas a serem seguidas.

31

5. Considerações finais

Neste artigo, buscamos investigar os modos como os textos sensíveis têm sido traduzidos para Libras. Para tal, tomamos como objeto de pesquisa a tradução dos Dez Mandamentos para Libras, traduzidos pelos adventistas e pelas Testemunhas de Jeová, a fim de compreender quais os fatores que interferem nas escolhas tradutórias dos profissionais envolvidos. Assim, fomos movidos pelas seguintes questões: Como vêm sendo traduzidos os textos bíblicos em Libras por diferentes instituições? Que efeitos de sentidos são dados a ver na mensagem divina recriada pelos tradutores?

Já de início, defendemos, com Adail Sobral, a ideia de que a tradução, ou o discurso traduzido, seria um *transgênero*, ou seja, “uma ação de recorte do mundo que recorta um recorte, um estranho gênero que se constitui vários outros gêneros, que origina pelas mãos de

um novo autor (co-autor) um discurso que vem de outro discurso e que já tem um autor” (SOBRAL, 2008, p. 69).

Nesse sentido, as duas versões dos Dez Mandamentos vinculam-se à mensagem do texto-fonte, mas não se configuram como cópias; antes, produzem novos sentidos, pois como *transgêneros* são influenciados pelos participantes da interação verbal, pelas ideologias dos espaços sociais que os produzem, pelas finalidades discursivas. Assim, todos esses fatores, em alguma medida, se materializam no conteúdo temático, no estilo e na composição dos enunciados traduzidos.

Aproximando essa discussão aos objetos pesquisados, percebemos que os trechos bíblicos recriados pelos tradutores da Igreja Adventista constituem parte de um material com um caráter didático, com o objetivo de ampliar o conhecimento dos membros acerca dos princípios religiosos que norteiam instituição. No conteúdo do DVD, há comentários dos tradutores (membros surdos da igreja) explicando e contextualizando cada mandamento por meio de experiências do cotidiano. Nesse sentido, parece-nos que esse caráter “didático” acaba motivando os acréscimos e, por vezes, as simplificações das traduções dos mandamentos.

32

Além disso, na intenção de promover uma aceitação dos princípios religiosos (levando em conta que o material tem como interlocutores presumidos os membros recém-chegados), a tradução possui uma linguagem simples, acolhedora, que pretende alcançar a receptividade do leitor, em vez de causar rejeição dos novos membros aos mandamentos.

Val dizer que o fato de os adventistas usarem apenas tradutores surdos, membros da igreja, constitui uma demonstração de reconhecimento da comunidade surda pela igreja, como um aspecto de identificação cultural e identidade para seus leitores.

O uso de sinalização e do discurso em terceira pessoa em detrimento da incorporação é uma prática comum em textos com caráter explicativo ou descritivo, ligados a contextos formais. A intensa sinalização sugere um discurso voltado para surdos adultos que, supostamente, teriam condições de ver um sinal e contextualizá-lo na situação descrita.

Há, ainda, um dado relacionado à esfera de produção e circulação desses discursos que acreditamos contribuir para o uso da sinalização. Nas igrejas cristãs, quem sinaliza os cultos geralmente são os intérpretes (ouvintes). Estes têm por hábito o uso da sinalização, sem incorporação de personagens, quando se trata da interpretação da Bíblia e das cerimônias religiosas. Dessa forma, inferimos que o modo de construção composicional dos discursos dos intérpretes ouvintes acaba tornando-se referência para a tradução de textos bíblicos para os

tradutores surdos. Em outras palavras, os surdos se apropriam dos enunciados do outro para produzirem seus discursos, pois como afirma Bakhtin, ao escolhermos palavras “costumamos retirá-las de outros enunciados e antes de tudo de enunciados congêneres como o nosso, isto é, pelo tema, pela composição e pelo estilo; consequentemente, selecionamos as palavras segundo a sua especificação de gênero” (BAKHTIN, 2003, pp. 292-293).

Ao refletir sobre os modos de tradução da Bíblia pelas Testemunhas de Jeová, observamos que toda atividade tradutória desenvolvida desde o conteúdo temático, e o estilo até a construção dos enunciados, bem como os procedimentos de tradução são marcados pelos princípios ideológicos da instituição religiosa, que considera a língua de chegada e a adaptação à cultura dos interlocutores como eixos norteadores para a tradução da Bíblia. Apesar de ter como sinalizador um tradutor ouvinte, o estilo da tradução remete a elementos discursivos próprios da língua-alvo; ou seja, os recursos visuais, o uso da incorporação e a construção de cenas são fundantes na recriação dos Dez Mandamentos em Libras.

Entendemos que essas escolhas tradutórias não são aleatórias. São estratégias extremamente persuasivas, pois tais recursos estilísticos facilitam a adesão, a aceitação do leitor surdo ao discurso que está sendo enunciado. Apoiados em Bakhtin (2003), somos levados a crer que o tradutor se apropria do modo de dizer próprio da comunidade surda (por meio de encenações e descrições imagéticas) para recriar um texto bíblico com o qual o leitor se identifique.

É importante destacar que as traduções da Bíblia produzidas pelas Testemunhas de Jeová e o modo como produzem os enunciados em Língua de Sinais são historicamente marcados por uma série de protocolos regulados pela instituição religiosa que subsidia essas produções. Desse modo, todo o trabalho de tradução segue rigorosamente as normas definidos pela matriz norte-americana. Qualquer adaptação necessária precisa ser autorizada por ela.

Os resultados evidenciaram também a preocupação das instituições em foco com o perfil do leitor dos enunciados e o modo como ele interfere diretamente na tradução, apontando possibilidades de protocolos de criação e avaliação que possam assegurar melhor qualidade e clareza, valendo-se de pesquisas e consultas a falantes nativos da língua alvo. A tradução desses textos sagrados é pensada de modo que alcance a adesão do público ao discurso e, por consequência, à doutrina das religiões que chancelam sua produção.

A partir dessas considerações, podemos afirmar que a tradução de textos sagrados, para além da preocupação com o caráter “sensível” que envolve a recriação do discurso divino, exige

do tradutor uma leitura dialógica e uma autoria que levem em conta a voz dos interlocutores e sua entoação valorativa, a voz das instituições que legitimam a tradução, a voz de Deus/Jeová na mensagem bíblica, a sua própria voz enquanto tradutor/autor, enfim, a polifonia que envolve o ato tradutório.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS SILVA, C. A. **Cultura surda:** agentes religiosos e a construção de uma identidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. IN: **Estética da criação verbal.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV, V. N.) **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução:** uma nova proposta. Campinas: Editora Pontes, 2004.

34 FILHO, J. C.; COIMBRA, D. P. **Um estudo exegético em êxodo 20.1-6.** Monografia, 2009. Faculdade de Educação Teológica da Amazônia. Disponível em <<http://www.metodistavilaisabel.org.br/docs/UM-ESTUDO-EXEG%C3%89TICO-EM-EXODO-20.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

GOHN, C. Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados. IN: PAGANO, A. S. (Org.). **Metodologias de pesquisa em tradução.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p. 147-170.

KEELEY, R. **Fundamentos da Teologia Cristã.** Traduzido por: Yolanda Krievin. São Paulo: Vida, 2000.

KONINGS, J. **Tradução e traduções da Bíblia no Brasil.** Revista Perspectiva Teológica, v.35, 2003, pp. 215 - 238. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/viewFile/574/998>>. Acesso em 01 mar. 2018.

NAPOLITANO, M. “Fontes audiovisuais: a história depois do papel” IN: PINSKY, Carla (Org). **Fontes históricas.** São Paulo, Contexto, 2010.

NEVES, M.H.M; LOPES, M.M.M. Texto Bíblico e “tradução”: a “voz divina” no plano humano da coenunciação. **Cadernos de Tradução** [online]. 2016, v. 36, n.2 p. 205-236. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2016v36n2p205>> Acesso em: 01 mar. 2018.

SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**: livros históricos e códigos legais. Traduzido por: D. Mateus Rocha. São Paulo: Paulinas, 1977, vol. 1.

SOBRAL, A. **Dizer o 'mesmo' a outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: SBS-Special Book Services, 2008.

ⁱ Arlene Batista SILVA – Doutora em Letras (2015) pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestre em Linguística (2010) e graduada em Língua Portuguesa (2005) pela mesma instituição. Especialista em Língua Espanhola e Cultura Hispânica (2007) pelo Centro de Ensino Superior de Vitória. É professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, Espírito Santo, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2371977118070548> E-mail: arleneincrivel@gmail.com

ⁱⁱ Eliana Firmino Burgarelli RIBEIRO – Graduada em Letras – Libras (2017) pela Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, Espírito Santo, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0627498753770164> E-mail: elianalibras@hotmail.com

¹ Conceito proposto por Bakhtin e seu círculo em BAKHTIN, M. Para uma filosofia do ato. Trad. da ed. Americana Toward a Philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993. Sugestão de leitura: SOBRAL, A. U. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo, Contexto, 2005, p. 11-36.

² “Então disse o SENHOR a Moisés: Sobe a mim ao monte, e fica lá; e dar-te-ei as tábua de pedra e a lei, e os mandamentos que tenho escrito, para os ensinar” (EXÔDO 24:12). As referências são baseadas na estrutura canônica de livro, capítulo e versículo. BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Versão Corrigida e Fiel. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em: 01 mar. 2018.

“E aquelas tábua eram obra de Deus; também a escritura era a mesma escritura de Deus, esculpida nas tábua” (EXÔDO 32:16). Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em: 01 mar. 2018.

³ (6,7) “E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo. Dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas. [...] (12) Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (APOCALIPSE, 14: 6,7-12). Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em: 01 mar. 2018.

⁴ (12) E também lhes dei os meus sábados, para que servissem de sinal entre mim e eles; para que soubessem que eu sou o SENHOR que os santifica. [...] (20, 21) E santificai os meus sábados, e servirão de sinal entre mim e vós, para que saibais que eu sou o SENHOR vosso Deus. Mas também os filhos se rebelaram contra mim, e não andaram nos meus estatutos, nem guardaram os meus juízos para os fazer, os quais, cumprindo-os, o homem viverá por eles; eles profanaram os meus sábados; por isso eu disse que derramaría sobre eles o meu furor, para cumprir contra eles a minha ira no deserto (EZEQUIEL, 20: 12,20-21). Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em: 01 mar. 2018.